

FACULDADE CATÓLICA DOM ORIONE  
PSICOLOGIA

ABGAIL CRUZ DA SILVA

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DA  
MULHER**

ARAGUAÍNA- TO  
2022

ABGAIL CRUZ DA SILVA

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DA  
MULHER**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Psicologia, da Faculdade Católica Dom Orione, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Simone Cristina Silva Simões

ARAGUAÍNA- TO

2022

ABGAIL CRUZ DA SILVA

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DA  
MULHER**

Este trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Grau de Bacharel em Psicologia do curso de Psicologia da Faculdade Católica Dom Orione e aprovado em sua forma final em: 01 dezembro de 2022.

Apresentado à Banca Examinadora composta pelos professores:

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Simone Cristina Silva Simões  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Sueli Marques Ferraz  
Examinadora 1

---

Examinador 2

Aprovado em: 01 de dezembro de 2022.

Dedico este trabalho aos meus pais, minha família e meus amigos que me apoiaram no decorrer da minha trajetória, me inspirando e me motivando a prosseguir e alcançar meus sonhos.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, sem ele eu não chegaria até aqui, aos meus pais e à minha família por todo apoio que me deram no decorrer da minha vida e da minha formação. Vocês são inspiração para mim.

Agradeço, também, aos meus amigos que estiveram ao meu lado nesse processo e aos colegas de sala e de futura profissão que compartilharam comigo boas experiências.

Tenho que agradecer, ainda, à minha orientadora. Sou grata pelo incentivo e pela colaboração nesta pesquisa. Sem sua ajuda, nada disso seria possível.

Por fim, agradeço aos professores que passaram na minha trajetória acadêmica e que tanto me influenciaram a ser a melhor profissional possível.

*Não me pergunte quem sou e não me  
diga para permanecer o mesmo.  
(Michel Foucault)*

# VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DA MULHER

Abgail Cruz da Silva<sup>1</sup>

Simone Cristina Silva Simões (Or.)<sup>2</sup>

## RESUMO

A violência doméstica contra a mulher é caracterizada por graves danos à sua saúde física e mental. Portanto, este estudo trata do impacto da violência doméstica na saúde mental da mulher, com o objetivo de determinar o impacto da violência doméstica na saúde mental de mulheres que foram agredidas em ambiente privado. Para tanto, utiliza-se como método a revisão de literatura, de abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa teórica reflexiva. Com relação aos achados encontrados na literatura, perfis psicológicos semelhantes foram observados entre as mulheres que sofreram violência, pode-se concluir que a agressão vivenciada pelas mulheres levou a um processo de adoecimento que afetou gravemente sua saúde mental, e constatou-se danos psicológicos causados por violência doméstica, sendo eles: danos à autoestima e à confiança, sentimentos de angústia, estresse, depressão, transtorno do pânico e outros problemas de saúde.

**Palavras-chave:** Violência Doméstica; Saúde Mental; Mulheres

## ABSTRACT

Domestic violence against women is characterized by serious damage to their physical and mental health. Therefore, this study addresses the impact of domestic violence on women's mental health, with the objective of determining the impact of domestic violence on the mental health of women who were assaulted in a private environment. For this purpose, the literature review, with a qualitative approach, based on reflective theoretical research, is used as a method. Regarding the findings in the literature, similar psychological profiles were observed among women who suffered violence, it can be concluded that the aggression experienced by women led to a process of illness that seriously affected their mental health, and it was found that the damage Psychological Causes of Domestic Violence Damage to self-esteem and confidence causes distress, stress, depression, panic disorder, and other health problems.

**Keywords:** Domestic Violence; Mental Health; Women

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Psicologia da FACDO

<sup>2</sup> Mestra em Educação UFMA (2019). Psicóloga pela UNESP (2014). Professora do Curso de Psicologia FACDO.

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1-** Quantidade de artigos encontrados em cada base de dados.....22

**Tabela 2-** Informações gerais dos artigos utilizados.  
.....22

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 PERCURSOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA</b>	<b>12</b>
<b>3 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER</b>	<b>14</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>20</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é qualquer ato ou comportamento de gênero que cause danos, morte, sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, independentemente da classe social em que vive (SANTOS, 2017). É uma violação dos direitos humanos e tornou-se um importante problema de saúde pública, tem custos econômicos e sociais substanciais, têm graves consequências para a saúde mental e causa sofrimento não só para as mulheres, mas para toda a família (GARCIA, DUARTE, FREITAS E SILVA, 2016).

A violência, ainda é uma das principais causas de morbidade e mortalidade entre os jovens, mais comumente as mulheres nos espaços domésticos. As mulheres que sofrem violência acabam por ficar com sequelas físicas e psicológicas e estão propensas a muitos problemas de saúde (DREZETT, 2018).

Pesquisa de Lindner et al. (2015) constatou que qualquer comportamento que cause danos físicos, psicológicos ou sexuais, como agressão física, abuso psicológico, comportamento controlador, relação sexual forçada ou outras formas de coerção sexual, caracteriza um indivíduo enquanto violento. Por ser um tema muito discutido e ainda havendo muitos casos de violência doméstica contra a mulher, foi promulgada e aprovada uma lei para coibir a violência contra a mulher, como a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha) (FONSECA, RIBEIRO E LYLE, 2012).

A violência conjugal física contra a mulher tem causado sofrimento psicológico, aumento das taxas de suicídio e aumento das taxas de problemas relacionados à cefaleia e distúrbios gastrointestinais. Há também questões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva e às dimensões econômicas e sociais da vida das mulheres.

Um tipo de violência contra as mulheres que prevalece em ambientes domésticos, bem como em ambientes comunitários e sociais é a violência física. O termo "violência física" é utilizado para descrever comportamentos de pais, responsáveis, educadores e até parceiros íntimos que causam dor e danos físicos (BRILHANTE, 2009). A violência emerge como uma alternativa perante as relações de poder, porque entende-se que, nessa dinâmica de poder, o abusador tem sobre o

abusado a visão dele como seu objeto em uma lógica de poder sobre o corpo e existência do outro, no caso a mulher.

A violência contra a mulher, principalmente a violência física, ainda ocorre com frequência. Muitas vezes a mulher torna-se prisioneira dessa condição, porque das diversas vulnerabilidades que a violência à expõe e os danos causados pela agressão têm um enorme impacto em sua vida, podendo destruir sua autonomia, autoestima e interferindo em sua qualidade de vida, e nas estruturas vida pessoal, familiar e social (NETTO, MOURA, QUEIROZ, TYRELL & BRAVO, 2014).

Estimativas no país e no mundo indicam que muitas mulheres com histórico de violência têm pensamentos suicidas. No Brasil, um estudo de mortes por suicídio em dez cidades também revelou a violência doméstica associada a esse fenômeno, tornando este um problema de saúde pública, pois, pode levar ao adoecimento físico e mental, no qual o suicídio está inserido (CORREIA et al, 2018).

De acordo com uma revisão de dados globais sobre violência contra a mulher, uma em cada três mulheres em todo o mundo já sofreu violência física ou sexual por um parceiro íntimo ou qualquer outro perpetrador em algum momento de suas vidas (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020). Os resultados são ainda mais preocupantes quando se trata de violência psicológica, pois, muitas vezes essa forma de violência ocorre com outras pessoas (PEDROZA & ZANELO, 2016).

Por mais de três décadas, a violência contra a mulher cresceu e ganhou relevância social. Portanto, o tema da violência contra a mulher é interessante e precisa ser discutido, porque esse tipo de violência já custa às mulheres um quinto de sua vida saudável (PINTO, et al 2017).

Importante citar, que, quando se fala do Brasil, para além das questões de gênero, os apontamentos raciais são relevantes, porque, em maioria, as mulheres mais suscetíveis a agressões são as negras, devido ao racismo que as coloca em posições de desigualdade e subalternidade.

Diante desse questionamento, chamou-se a atenção para a produção deste trabalho as seguintes questões: Quais produções científicas em Ciências Humanas, sobretudo, Psicologia, dialogam sobre a temática dos danos à saúde mental de mulheres que vivenciam violência doméstica? Como a psicologia pode contribuir para a melhoria da saúde mental de mulheres que sofrem violência doméstica?"

A justificativa para este estudo, portanto, está nos riscos e vulnerabilidades que as mulheres enfrentam no domicílio, que muitas vezes requerem cuidados e atenção diferenciada por parte dos profissionais de saúde em diferentes redes de atenção baseadas na atenção integral e na articulação com os diferentes órgãos, portanto, ações intersetoriais necessárias devem ser tomadas para enfrentar esse fenômeno.

A pesquisa sobre esse tema é relevante no contexto atual, tendo em vista que, esse fenômeno se evidencia no crescimento da população mundial, demonstrando um problema social e de saúde pública que afeta a integridade física e mental das mulheres, além de constituir um flagrante na violação dos direitos humanos, assim, a Psicologia não pode deixar de buscar compreender essa questão, dado seu enorme impacto na esfera social e na saúde das mulheres, as vítimas.

Desse modo, percebe-se o quanto essa ciência tem a contribuir no atendimento a essas mulheres, uma vez que, além da saúde como o todo, o estado afetivo-emocional da vítima de violência doméstica é bastante afetado, sendo necessária uma atuação que demande "um conjunto de habilidades técnicas e éticas que tenham confidencialidade, acolhimento, escuta e reflexão a essas mulheres" (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013, p. 71).

O estudo teve como objetivo principal analisar os achados científicos existentes em revistas de Psicologia sobre a violência doméstica contra a mulher e os danos à saúde mental, assim como: A) investigar as principais consequências psicológicas trazidas às mulheres vítimas de violência doméstica; B) identificar os tipos de violência doméstica sofridas pelas mulheres; C) analisar quais fatores psicológicos e quais consequências são apontados como resultantes da violência doméstica contra a mulher e D) compreender como a psicologia pode contribuir nesse contexto.

Espera-se que a gama de objetivos propostos contribua para o cuidado dessa mulher durante as consultas dos profissionais de saúde, que vão desde a escuta guiada qualificada até a escuta ativa, desenvolvendo estratégias para minimizar o sofrimento dessas mulheres.

## 2 PERCURSOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA

O estudo caracterizou uma revisão abrangente da literatura baseada na análise de publicações para obtenção de dados e conclusões sobre um determinado tema (POLIT, BECK & HUNGLER, 2011). Este método de pesquisa visa analisar o conhecimento já estabelecido de pesquisas anteriores sobre um tema específico. As revisões sistemáticas permitem a síntese de vários estudos publicados, gerando novos conhecimentos com base nos resultados de estudos anteriores (BOTELHO, CUNHA, & MACEDO, 2011).

Portanto, uma ampla revisão da literatura facilitará o processo de sistematização e análise dos resultados, visando compreender o assunto a ser estudado a partir de outros estudos independentes.

A primeira etapa da pesquisa envolve a identificação e esclarecimento do conteúdo. Foram utilizadas duas questões norteadoras para auxiliar na continuidade do processo de acompanhamento, sendo elas: “Qual a produções científicas dialogam sobre a temática dos danos à saúde mental de mulheres que vivenciam violência doméstica?”, e, “Como a psicologia pode contribuir para a melhoria da saúde mental de mulheres que sofrem violência doméstica?”. Também foram consultadas publicações de autores de referência na área, seguidas de leitura crítica do título e do texto completo.

As bases de dados utilizadas para a pesquisa foram: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC) e na base de dados PubMed.

Os critérios de inclusão para este estudo de revisão abrangente foram: 1) artigos publicados em Português; 2) artigos publicados entre os anos de 2017 a 2022; 3) contemplar as três palavras-chaves da pesquisa: “Violência Doméstica” AND “Saúde Mental” AND “Mulheres”. Os fatores de exclusão são: 1) artigos publicados em anos anteriores à 2017; 2) artigos em outras línguas.

Os artigos relevantes selecionados passam por um processo de leitura e arquivamento como base para responder às questões norteadoras implementadas na primeira fase do método de trabalho. Para a análise e avaliação dos estudos incluídos, foi produzida uma tabela com base em cada estudo que contribuiu para a coleta de dados, atingindo assim os objetivos.

Os procedimentos de análise dos dados colhidos, foram realizados a partir da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), que consiste em três etapas, sendo elas: a categorização, onde as respostas serão agrupadas de acordo com semelhanças; a descrição dessas categorias e a interpretação, analisando junto à teoria o significado atribuído à resposta. (Fonseca Júnior, 2006).

Segundo Bardin (2011), o procedimento de análise de dados possui três fases. A primeira fase é a da pré-análise, ou categorização. Nela, há o planejamento e formulação de hipóteses e objetivos para a pesquisa; apresentando a necessidade da leitura flutuante do material colhido através das entrevistas, escolhendo quais documentos serão utilizados para análises, a partir da regra de representatividade e pertinência do que está sendo estudado. A segunda fase é a fase de exploração do material e descrição das categorias, pegando o material bruto e fazendo ligação significativa à teoria do pesquisador, usando categorias na organização de conceitos.

Conforme Tristão, Fachin e Alarcon (2004), as categorias possibilitam sistematizar os conhecimentos encontrados e adquiridos através do processo de coleta de dados. Por fim, a terceira fase é composta pelo tratamento dos resultados, consistindo na elaboração dos significados dos conteúdos, convergindo em escopo teórico, concluindo em inferências e interpretações que levarão ao desenvolvimento da pesquisa. (JULIO ET AL, 2017)

A próxima seção apresenta as considerações teóricas sobre o tema.

### 3 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

O conceito de violência tem sido discutido nos últimos tempos diante dos avanços relacionados à maior publicidade dos casos e número de denúncias. Além disso, o conceito vem sendo alvo de discussões em espaços políticos e sociais de modo a pensar as causas e modos de enfrentamento desse problema.

A violência doméstica contra a mulher é tida como uma violação dos direitos humanos e é um fenômeno que atravessa diversos aspectos, como as classes sociais, fatores econômicos, grupos étnico-raciais. É tida, ainda, como um resultado de complexas dinâmicas de poder e distribuição de recursos entre os sexos (CAMPOS, MAGALHÃES, ÂNGULO-TUESTA, 2020).

Os estudos apontaram para a existência de cinco tipos de violências experienciadas por mulheres vítimas de violência doméstica, sendo elas: violência física, patrimonial, moral, psicológica e sexual. Tais achados estão concomitantes com a Lei nº 11.340/2006, no Brasil, que preconiza a existência de violência expressa nesses 5 tipos de agressões. (BRASIL, 2006). Esta lei, também conhecida como a *Lei Maria da Penha*, foi criada em 2006 e teve como objetivo desenvolver mecanismos e serviços para enfrentar e combater a violência doméstica e familiar de forma a proporcionar às mulheres vítimas dessa violência a garantia efetiva dos seus direitos humanos

Por violência doméstica, de acordo com o artigo 5º da já referida Lei, entende-se “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.” (BRASIL, 2006, p. 1).

A violência física ocorre quando alguém causa ou tenta causar danos através da força física, ou seja, algum tipo de arma ou ferramenta pode causar danos internos, externos ou ambos.

A violência psicológica inclui qualquer ato ou omissão que cause ou tenha a intenção de prejudicar a autoestima, identidade ou desenvolvimento de um indivíduo,

Sobre a violência sexual permanente ou temporária é quando uma pessoa coage outra pessoa em situação de poder, utilizando uso de força física, influência psicológica ou uso de armas ou drogas. Os estudos apontam que uma das violências sexuais mais encontradas na sociedade atual é a recusa dos parceiros

em utilizar preservativos, expondo a vítima à maior sucessão à gravidez não planejada e infecções sexualmente transmissíveis (CARNEIRO et al, 2017)

Quanto a violência patrimonial, ela é entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades. Outro tipo de violência que pode ser encaixada nesta categoria, são as desvantagens práticas e legais que as mulheres sofrem, na sociedade, quando comparadas às questões de acesso à bens e propriedades e a própria questão dos recursos produtivos. (CAMPOS, MAGALHÃES, ÂNGULO-TUESTA, 2020).

Para entendermos sobre violência doméstica, torna-se necessário analisarmos as questões sócio históricas que a atravessam. Segundo Carneiro et al (2017), se considerado esse contexto social presente em sociedades patriarcais, pode-se entender a existência de uma revitimização dessas mulheres que sofreram em relacionamentos abusivos, uma vez que, já passaram pela própria experiência do relacionamento, e, ao sair, encontram uma grande dificuldade de se inserir novamente no mercado de trabalho, pois muitas abdicaram de suas vidas profissionais em detrimento da dedicação exclusiva às tarefas domésticas, o que corrobora para o comprometimento de oportunidades de capacitação para o mercado de trabalho.

A violência patrimonial e dependência financeira das vítimas aos agressores é encontrada nos estudos como um dos fatores de manutenção do relacionamento abusivo mais presentes na sociedade. As vítimas, ao decidirem pela separação, encontram, portanto, mais um desafio ao perceberem que não estão capacitadas para voltar a atuar.

Os autores citaram, ainda, que a relação com o trabalho está relacionada diretamente com a saúde mental dessas mulheres, uma vez que além de garantir seu sustento, elas resgatam a sua identidade social, alterada por conta das agressões constantes, que também as levaram ao isolamento social (CARNEIRO et al, 2017)

O último tipo de violência encontrado na literatura é a violência moral, que pode ser entendida pelo ato de calúnia, difamação ou injúria da vítima, como acusar a mulher de traição, fazer críticas não verdadeiras, expor a vida íntima da vítima, desvalorizar a vítima pelo seu modo de se vestir.

Miranda (2014) traz à tona a existência de um ciclo de violência experienciado por mulheres em um relacionamento, sendo este o ciclo de violência doméstica. Nele, há um conjunto de fases em que, no fim do ciclo, ou o sujeito toma consciência do tipo de relação que está enfrentando, rompendo com o ciclo, ou reinicia-se as fases. Um dos principais fatores mantenedores desse tipo de relação são os estabelecimentos do vínculo emocional. O abusador promete mudar com os comportamentos agressivos, e a vítima, que pode até estar ciente do relacionamento abusivo, acredita nas promessas do parceiro, que por sua vez, passa a ter comportamentos sensíveis e românticos, configurando-se, assim, na fase da lua de mel, com um discurso que envolve jogo emocional (BARRETO, 2018)

Juntamente ao jogo emocional, o abusador mantém comportamentos manipuladores, inferiorizando a vítima e a distanciando de seus vínculos sociais. Com o distanciamento da rede de apoio, a pessoa sente-se sozinha e há uma falta de confiança em si e dificuldade de reconhecer a situação em que se encontra e com medo de pedir ajuda. Encontra-se, também, uma tendência a se culpabilizar por não conseguir quebrar com o ciclo.

Percebe-se, pois, que embora no Brasil a violência seja considerada crime e violação dos direitos humanos, tal fato não impede muitas mulheres de serem vitimadas rotineiramente.

Achou-se nos estudos que, para além de violências que ataquem diretamente a integridade física, há violências que formulam marcas psicossociais fortes, com impactos que podem ser expressos na identidade da vítima. (CAMPOS, MAGALHÃES, ÂNGULO-TUESTA, 2020).

Nota-se, através dos estudos, que as mulheres vítimas de relacionamentos conjugais abusivos passam por comprometimento em sua saúde, em seus diferentes níveis de impacto biopsicossocial. Os comprometimentos que o estudo aponta é de marcas físicas visíveis, como no caso de hematomas em agressões, além de marcas em seu modo de se relacionar consigo e com o outro, como distanciamento de vínculos sociais, isolamento social, baixa autoestima, insegurança, medo constante, ansiedade e depressão.

Segundo Carneiro (2017), referindo-se aos danos causados na saúde física da mulher, as marcas corporais resultantes das agressões físicas e os sintomas clínicos que são desencadeados pelo processo de somatização da violência experienciada são os principais achados.

Tem-se que essas queixas clínicas, por vezes, tem um caráter velado, uma vez que as mulheres chegam ao sistema de saúde relatando sintomas como náuseas, tonturas, cefaleia, emagrecimento, tensão arterial elevada, assim como sintomas depressivos (CARNEIRO, 2017). Entretanto, ao relacionar toda a história vivida por elas, nota-se que os sintomas físicos são a somatização da vivência de violência, ou, também, sintoma secundário da violência física.

Ainda segundo o autor, tem-se que agressão no rosto é apontada como o local mais comumente atingido pelo agressor durante a violência física. Tal achado possui ligação com a seção de resultados e discussão, que será visto mais adiante (CARNEIRO, 2017).

Quanto à violência no nível sexual, tem-se a principal como a recusa em utilizar o preservativo durante as relações sexuais, em que, por vezes, facilita uma gravidez indesejada e vulnerabiliza as parceiras para a aquisição de infecções sexualmente transmissíveis (IST). (CARNEIRO, 2017).

A respeito dos impactos da vivência de violência doméstica na saúde mental de mulheres vítimas, achou-se que medo, repulsa, tristeza profunda, baixa autoestima e outros sintomas de depressão, perda de identidade, baixa autoestima, insegurança. Nota-se, ainda, uma propensão ao desenvolvimento de depressão, fobia, estresse pós-traumático e ao suicídio (GADONI-COSTA, ZUCATTI, DELL AGLIO, 2011). Além disso, o parceiro violento tende a controlar todos os aspectos da vida da mulher, afastando-a dos familiares e amigos, além de impedir que ela trabalhe.

Encontrou-se, ainda, implicações para as relações sociais dela, uma vez que, ao se sentirem oprimidas e tendo que dar atenção somente ao companheiro, por vezes acabam não possuindo, ou reduzindo drasticamente o convívio social e familiar, tendo sua liberdade cerceada. Essa violência corrobora para o comprometimento da capacidade de estabelecer vínculos interpessoais. Além disso, o parceiro violento tende a controlar todos os aspectos da vida da mulher, afastando-a do convívio com pais, irmãos e toda família, além de proibi-la de trabalhar.

Os achados mostram que, quanto à dimensão da violência patrimonial, a violência doméstica afeta o desenvolvimento de potencialidades que assegurem à mulher prover sua própria liberdade financeira, fazendo com que as mesmas fiquem dependentes financeiramente de seus companheiros abusivos (CARNEIRO, 2017).

Isso ocorre devido à dedicação da mulher exclusiva às demandas da casa e da família, prejudicando sua capacitação no mercado de trabalho. E, as mulheres que desistem do estudo e do trabalho em prol dessa relação acabam tornar-se dependentes de seus companheiros.

Portanto, com todas essas violências sofridas pelas mulheres que estão em relacionamentos abusivos, tem-se que o adoecimento mental das mulheres é intensificado quando estas se sentem culpadas pela exposição de seus filhos à situação de violência doméstica.

Nota-se que cada consequência toca em pontos subjetivos de cada vítima, entretanto, os maiores relatos das mulheres foram os de sofrimento relacionados à autoimagem, ao sentimento de culpa, e transtornos mentais como ansiedade e depressão, além de níveis de estresse emocional significativamente maiores se comparados a mulheres que não foram vítimas de um relacionamento abusivo, além de uma maior probabilidade à pensamentos suicidas (SANTOS, KARPINSKY, SOARES, 2020).

### 3.1 Raça, Gênero e Violência

Cabe também salientar que o fator racial, quando falamos dos aspectos da violência, sobretudo no Brasil, é fator relevante em relação aos números e características das mulheres mais violentadas.

Os casos de violência doméstica têm 58,86% de mulheres negras como vítimas. Pesquisas apontam que a violência doméstica e familiar contra mulheres negras é um fenômeno complexo constituído por diversos fatores que amplificam um ao outro (OLIVEIRA, 2004, p. 44-49; JUREMA WERNECK, 2010). A violência de gênero, por exemplo, adiciona-se à violência racial/étnica, o que, para além de sua soma, as potencializa mutuamente (OLIVEIRA, 2004). Werneck (2010) entende que, nessa amálgama, o racismo está ancorado no capitalismo e no patriarcado, o que dá uma singularidade histórica, política e também referente à sociedade sobre a qual ele incide. Para a autora, portanto, seria necessário enfrentar os aspectos estruturais da violência em seu conjunto, uma vez que cada tipo de violência a que as mulheres negras estão expostas se associa aos demais, agindo de forma exponencial, sobrepondo violências e vulnerabilidades. Ainda segundo a autora, o principal erro das (poucas) pesquisas realizadas nesta área foi abordar de forma isolada cada tipo de violência, com forte apelo para a violência doméstica, inviabilizando o

enfrentamento dos demais vetores de violência e a articulação entre eles (WERNECK, 2010).

Apesar de contarmos com políticas públicas voltadas para o enfrentamento à violência doméstica, os índices demonstram seu reduzido alcance para atuar na proteção e direito à vida das mulheres negras. Compreende-se que o recrudescimento do racismo, do conservadorismo e do machismo são elementos que impactam negativamente na vida das mulheres, em todas as regiões brasileiras.

A violência doméstica contra mulheres negras, expressam as relações desiguais de poder entre homens e mulheres, da cultura do machismo e do patriarcado ainda presentes na nossa sociedade, mas também se relacionam com as opressões de raça, classe social, identidade de gênero e demais discriminações e intolerâncias.

As ciências sociais e humanas utilizam o conceito de gênero para se referirem à construção social do sexo anatômico, com o claro intuito de distinguir a dimensão biológica da dimensão social que constituem e identificam uma pessoa como mulher ou homem. Esse conceito se fundamenta no raciocínio de que “[...] há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem é realizada pela cultura” (GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA, 2009, p.39).

Nesse sentido, falar de “gênero” significa dizer que mulheres e homens são produtos de um longo trabalho histórico, político e cultural exercido sobre seus corpos e mentes, o que resulta em modos de ser femininos e masculinos, ou representações e estereótipos de feminilidade e de masculinidade.

As relações de poder entre homens e mulheres, assim como classes sociais, etnias e opções sexuais estão presentes em todas as construções sociais configurando-se numa rede complexa, contribuindo para a manutenção das desigualdades de gênero e efetivando mecanismos de produção e reprodução da discriminação e violência.

Na seção a seguir apresenta-se os resultados de pesquisa.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Tabela 1, estão as quantidades de artigos encontrados nas bases de dados pesquisadas relacionadas às três palavras-chaves que norteiam o estudo, sendo elas: “Violência Doméstica” AND “Saúde Mental” AND “Mulheres”.

Na coluna “utilizados na pesquisa”, constam os artigos que estão de acordo com os critérios de inclusão deste estudo, sendo, portanto, os artigos que foram analisados.

**Tabela 1:** Quantidade de artigos encontrados em cada base de dados.

BASES DE DADOS	TOTAL	UTILIZADOS NA PESQUISA
Scielo	13 artigos	1 artigo
BVS	0 artigos	0 artigos
Pepsic	2 artigos	2 artigos
PubMED	1 artigo	0 artigos

**Fonte:** Produzido pela autora, 2022.

Para um panorama geral de análise dos resultados obtidos e para uma melhor sistematização da discussão, foi elaborada a tabela 2, abaixo que informa mais detalhadamente os temas encontrados na pesquisa.

**Tabela 2:** Informações gerais dos artigos utilizados.

TÍTULO	AUTORES	BASE DE DADOS	ANO E LOCAL	TEORIA/PRÁTICA
Violência Conjugal: repercussões para mulheres e filhas(os)	Jordana Brock Carneiro et al.	Scielo	2017, Rio de Janeiro, Região Sudeste	Psicoeducação
Mulheres em situações de violência doméstica	Ioneide de Oliveira Campos; Yasmim Bezerra Magalhães;	Pepsic	2020, Brasília, Região Centro	Aprimoramento acolhimento dos profissionais de saúde; assistência

acompanhadas em um Centro de Atenção Psicossocial	Antonia Angulo-Tuesta		Oeste	em rede.
Saúde mental e Gênero: relatos de experiência do projeto de extensão Núcleo Maria da Penha-NUAPE, Irati-PR	Katia Alexandra dos Santos; Monica Karpinski; Izabel Cristina Soares	Pepsic	2020, Paraná, Região Sul	Psicoeducação

**Fonte:** Produzido pela autora, 2022

Como os dados apontam, foram encontrados 3 artigos que estão dentro dos critérios de inclusão da pesquisa, sendo eles utilizados para os resultados encontrados. Com base neles, foram criadas quatro categorias de análises, segundo a Análise de Conteúdo de Bardin (2011), assim compostas

1. os tipos de violência doméstica sofridas pelas mulheres;
2. as principais consequências trazidas às mulheres vítimas de violência doméstica,
3. os fatores sócio-históricos presentes nos relacionamentos abusivos heteronormativos e;
4. as contribuições da Psicologia nesse cenário.

Nesta última categoria, foram utilizadas, ainda, leituras complementares em artigos de base de dados a fim de encontrar as contribuições da atuação clínica psicológica pelo enfoque da Terapia Cognitivo-Comportamental em pessoas vítimas de violência doméstica.

Conforme Santos, Karpinsky e Soares (2020), é preciso pensar a saúde mental levando em consideração as questões atreladas a gênero, assim como outros marcadores sociais, em um viés interseccional. Com isso, para compreender a violência doméstica, é preciso entender a violência de gênero.

Segundo as autoras, a violência de gênero é um fenômeno relacionado pelas relações desiguais entre homens e mulheres, em que aos homens Santos, Karpinsky e Soares (2020 p. 138) definem que:

Compreendemos violência de gênero como fenômeno resultante das relações desiguais entre os sexos (Saffioti, 2015), considerando que, aos homens, é destinado o poder e a dominação pela validação de características culturalmente ligadas ao masculino, como a força física e a racionalidade; às mulheres, o oposto: a fragilidade, a sensibilidade e a submissão.

Adiante, corroborando com a pauta da violência intraconjugal, segundo Barreto (2018), os relacionamentos abusivos iniciam-se sutilmente e vão, aos poucos, ganhando força e passando a ser cada vez mais violento. Ainda, nesse tipo de relacionamento há excesso de poder, controle e ciúmes, que geram um sentimento de possessividade e de objetificação do outro sujeito da relação. Por muitas vezes as formas iniciais da violência serem sutis, o dar-se conta da vítima leva um tempo, pois geram uma dificuldade para as pessoas perceberem que estão em um relacionamento abusivo (BARRETO, 2018).

Conforme aponta a literatura, a violência no relacionamento emerge como uma alternativa perante as relações de poder, porque entende-se que, nessa dinâmica de poder, o abusador tem sobre o abusado a visão dele como seu objeto os números apresentados abaixo reafirmam essa lógica de poder sobre o corpo e existência do outro, no caso a mulher (BARRETO, 2018, p. 147).

Em 2015, o Mapa da Violência teve como perspectiva a análise dos feminicídios. Entre os anos de 2003 a 2013 o número de vítimas do sexo feminino foi crescente, passando de 3.937 para 4.762, o que significa 13 assassinatos diários de mulheres. Em um grupo homogêneo de 83 países, a Organização Mundial de Saúde (OMS) situou o Brasil como o 5º no ranking de homicídios femininos. Os principais agressores das jovens e adultas são os parceiros ou ex-parceiros.

De acordo com Campos, Magalhães e Ângulo-Tuesta (2020), a violência contra a mulher tem uma forte influência da representação familiar brasileira, uma vez que sua prática é permeada pelas dinâmicas de relações de gênero e poder, com interferência direta do patriarcado, da cultura sexista e machista.

Ainda conforme os autores, foi a partir desse cenário social que as mulheres acabaram por estar em um papel de subordinação em resposta à uma violência histórica. A partir dessa violência histórica, ainda se encontra, hoje em dia, uma disparidade nos papéis sociais de cada gênero, revelando um cenário de

desigualdades sociais de gênero. O artigo traz, ainda, as potencialidades das mulheres em uma condição libertária-emancipada.

De acordo com Carneiro (2017), as principais agressões físicas na mulher se configuram em agressões no rosto e esses estudos indicam também que a violência física direcionada ao rosto é considerada símbolo de humilhação, uma vez que, o agressor acredita deixar visível o poder que tem sobre suas companheiras, mesmo estas não relatando o ocorrido dentro de sua rede de relações.

Nas dinâmicas de poder em relações heteronormativas, a supremacia do homem é ancorada no modelo patriarcal de nossa sociedade. E, essas relações colocam a mulher em um lugar de subserviência em relação ao homem, por vezes, acatando os desejos e as imposições do parceiro, enquanto anula a si mesma. (CARNEIRO, 2017).

Para o senso comum, a violência está diretamente ligada à agressão física, entretanto, existem outras naturezas que não são muito contempladas no reconhecimento da sociedade, mas são também formas de violência cujas manifestações estão muito presentes em relacionamentos abusivos, como a violência psicológica, patrimonial, sexual e moral.

Com isso, por vezes, mulheres que estão em um relacionamento abusivo não se percebem presentes nessa relação, por não possuírem conhecimento de que a violência não é somente agressão física e por estarem internalizadas em lógicas sociais nas quais a desistência, ou perda de um relacionamento para as mulheres significa impotência em seu 'papel de mulher'.

Estudos indicam que a violência doméstica pode ser vista como uma das piores formas de violação dos direitos humanos relacionados às mulheres, na medida em que há um interrompimento de seus direitos plenos, afetando sua vida por completo, como sua integridade física e psicológica (CARNEIRO, 2017; BARRETO, 2018; CAMPOS, MAGALHÃES E ÂNGULO-TUESTA, 2020).

Encontrou-se, nos achados teóricos, que as mulheres vítimas de violência doméstica procuram frequentemente os serviços de atenção primária, secundária e terciária por problemas de saúde, seja de forma direta ou indiretamente relacionado com a violência experienciada.

As vítimas, ao chegarem nos serviços de saúde, são tratadas e medicalizadas a fim da remissão dos sintomas, mas não são compreendidas como um todo, analisando o histórico de violência, configurando, portanto, em uma invisibilidade

da violência nesses serviços. Em que, além de a própria violência não ser notificada, ela não é entendida como geradora dos adoecimentos da mulher. CAMPOS, MAGALHÃES E ÂNGULO-TUESTA, 2020).

Mediante exposto, torna-se relevante a Psicoeducação dos profissionais da saúde acerca de relacionamentos abusivos afim de que tenham mais consciência do impacto da violência contra as mulheres na saúde mental da vítima, e, portanto, sejam capazes de identificar a situação e colaborar para prevenir que a situação se repita, além de encaminhar essa mulher para o melhor tipo de tratamento possível, abarcando todas as esferas que atravessam tal situação.

De acordo com Campos (2020), é necessário que os profissionais compreendam as dinâmicas e complexidades envolvidas no abuso e violência doméstica, para proporcionar melhor acolhimento às vítimas e para que elas não sejam culpabilizadas pela situação. A estigmatização também deve ser trabalhado de modo a olhar a vítima como protagonista de sua vivência como afirmam Santos, Karpinsky e Soares (2020, p.141)

Estudos como os que trouxemos anteriormente têm sua importância na medida em que materializam a existência de estigmatizações que ainda articulam o lugar da mulher, e ainda mais da mulher pobre, na relação com o patológico. Contudo, é preciso atentar para o perigo de cair em uma espécie de determinismo que reforce esses estereótipos que apontam para a patologização do feminino. Estamos afirmando que a condição de mulher em nossa sociedade é fator de risco para violência, assim como ambos os elementos são fatores de risco para sofrimento mental, o que não quer dizer, todavia, que toda mulher que passa por situação de violência está fadada ao adoecimento psíquico, e que nem toda mulher pobre é vulnerável.

Estudos relevantes na área de Psicologia, como o de Dutt & Zimmerman (2015) afirmam que as mulheres costumam falar da violência ocorrida quando sentem que os profissionais garantem condições de respeito à sua vivência, mantendo sigilo e confidencialidade de suas falas, validam as suas experiências, reconhecem os seus sentimentos e respeitam a sua autonomia (CARNEIRO, 2017).

Esses estudos mostram a relevância de espaços de saúde que promovam cuidado, fazendo com que os profissionais de saúde estejam preparados para reconhecer os casos de violência, acolher a vítima e orientar para o melhor serviço possível.

Os estudos destacam, ainda, a importância do olhar atento dos profissionais, assim como a promoção de espaços de acolhimento e segurança, em que a vítima

possa se sentir confortável com a postura do profissional em expor as situações vivenciadas, compartilhando aquilo que lhe gera medo, vergonha, angústia e dor.

Retomando às questões de que, muitas vezes as violências não são vistas em primeiro plano, tanto pelas queixas da vítima serem de ordem secundária, quanto pela própria vítima não perceber ou não conseguir quebrar o ciclo de violência doméstica, as pesquisas apontam para a necessidade de uma abordagem profissional que seja sensível, mas esclarecedora. Demandando, ainda, dos profissionais uma habilidade de reconhecimento, alinhada às estratégias de enfrentamento de cuidado às vítimas (CAMPOS, MAGALHÃES E ÂNGULO-TUESTA, 2020)

Para tal, conhecer os sistemas que prestam serviço e acolhem tal demanda, assim como trabalhar estratégias interinstitucionais a fim de promover a garantia dos direitos dessas mulheres para fora do sistema de saúde em si, como também com os âmbitos legais, de segurança, o jurídico, assistência social e geração de emprego (CAMPOS, MAGALHÃES E ÂNGULO-TUESTA, 2020)

No que se refere ao acompanhamento das mulheres em situação de violência doméstica, os achados apontam diversas ações estratégicas para a promoção de cuidado que alinham abordagens de saúde mental e da violência, sendo elas: acolhimento, atendimento individual, elaboração do projeto terapêutico singular, medicação, orientações de enfermagem quando necessário, visita domiciliar, matriciamento, grupos de psicoterapia, oficinas terapêuticas (dança e arte) e encaminhamentos (Programa de Atendimento à Violência (PAV), delegacia da mulher), no caso de mulheres atendidas através dos CAPS, Centros de Atenção Psicossociais. (CAMPOS, MAGALHÃES E ÂNGULO-TUESTA, 2020)

Ainda segundo Campos (2020), essas violências que possuem uma grande repercussão nos serviços de saúde precisam ser abordadas de maneira a não se esgotarem nessa única intervenção, mas, promover uma ação e intervenção em níveis completos que amparem as vítimas, não fazendo com que a violência seja mascarada pelos sintomas e sinais.

Com isso, tem-se que a atenção à essas mulheres não podem ser de formas separadas, mas sim integradas, sendo necessário aos profissionais o conhecimento da rede de atendimento, assim como as políticas públicas que asseguram os direitos dessas mulheres, que liga sistemas de saúde à sistemas de atenção organizados

pelos equipamentos da assistência social, saúde, segurança pública e judiciário. (CAMPOS, MAGALHÃES E ÂNGULO-TUESTA, 2020)

Para além disso, os artigos mostraram haver uma falta de articulação entre as redes de assistência à saúde, além da ineficiência dos setores de justiça, assistência social e segurança que na opinião dos profissionais obstaculiza a denúncia da violência pelas mulheres o que gera descrença no serviço jurídico e o despreparo dos profissionais. (CAMPOS, MAGALHÃES E ÂNGULO-TUESTA, 2020)

Considerando que a violência conjugal é tida, no Brasil e em outras partes do mundo, como um problema de saúde pública, torna-se necessário que os profissionais de saúde consigam acolher adequadamente as pessoas vitimadas. O reconhecimento das situações é de extrema relevância para quebrar os tabus existentes na sociedade quanto à violência doméstica.

Mediante exposto, é necessário, por parte da Psicologia, a promoção de ações de Psicoeducação sobre o assunto, tanto para outros profissionais da saúde, que irão atender diretamente às vítimas desse tipo de relacionamento, quanto para a próprias mulheres, que por vezes, encontram dificuldades para entender a situação que está enfrentando e quebrar com o ciclo de violência doméstica.

Num viés preventivo, é importante promover um lugar de reflexão para todos da sociedade, a fim de possibilitar conscientização e reflexão sobre as implicações da violência de gênero.

Quanto à atuação clínica do psicólogo, somente um artigo trouxe sobre a prática, entretanto, não abordavam as questões da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). Portanto, para melhor entendimento e articulação com os achados já abordados anteriormente, foi pesquisado em bases de dados artigos que trouxessem sobre a TCC e violência doméstica.

Com base na abordagem Cognitivo-Comportamental, que entende que todos os comportamentos desadaptados ou prejudiciais à nossa vida estão ligados a crenças irracionais que foram sendo construídas ao longo do nosso desenvolvimento (KNAPP; BECK, 2008), se torna relevante levantar quais estratégias e técnicas são mais utilizadas dentro dessa abordagem para viabilizar uma reestruturação cognitiva que possibilite pensamentos, sentimentos e comportamentos mais adaptados e saudáveis à essas mulheres. Com isso, o objetivo central da TCC é reestruturar a cognição, flexibilizando mudanças nos comportamentos e emoções sentidas pela paciente (FRINHANHI, ALVES, 2021)

Segundo Frinhanhi e Alves (2021), existem crenças no senso comum que a mulher que vive nesse tipo de relação gosta e quer continuar nela. Mediante essa crença é preciso conscientizar sobre todas as problemáticas que envolvem a violência doméstica, para que com isso as vítimas possam receber um melhor apoio para que elas tenham mais seguranças inclusive para finalizar a relação abusiva.

Um das técnicas tidas como de extrema importância é a Psicoeducação, que tem por objetivo esclarecer informações precisas, facilitando a queixa da paciente, sendo ela uma ferramenta educativa. Com ela, a paciente pode organizar os seus pensamentos, modificar cognições, controlar o humor e fazer mudanças que sejam benéficas em seu comportamento (FRINHANHI, ALVES, 2021). Foi achado que, através desse recurso, as vítimas puderam reconhecer experiências que não eram identificadas anteriormente como violência, na medida em que a exposição constante a ela pode ser vista como algo natural. (ZANCAN et al, 2019)

A TCC presume que variáveis cognitivas, emocionais e comportamentais estão ativamente interligadas e o tratamento têm como objetivo verificar e transformar o modo de pensamentos desadaptativos e com a comportamentos problemas da mulher vítima de violência, por meio da reestruturação cognitiva e 16 técnicas comportamentais para obter promoção de autonomia e capacidade de mudanças. (VANDEBOS et al., 2010 apud JESUS et al, 2018)

Através da atuação da Psicologia, é possível utilizar técnicas e ferramentas que colaborem para um empoderamento dessas mulheres, reestruturando crenças disfuncionais que podem ter sido estabelecidas durante o relacionamento e sua história de vida, assim como reconhecer suas potencialidades, alcançar seus objetivos, fortalecendo autoestima e promovendo modificações em comportamentos disfuncionais que impactam em suas relações interpessoais. Além disso, poder incentivá-las no desenvolvimento de seus potenciais e a fazer suas próprias escolhas. (HABIZANG, PETERSON E MACIEL, 2019)

Pensando que as sessões em psicoterapia Cognitivo-Comportamental são estruturadas, trouxeram a importância de uma primeira sessão guiada para a criação de vínculo terapêutico e para a Psicoeducação, tanto do modelo cognitivo, quanto da própria dinâmica da violência doméstica. Segundo as autoras, esse primeiro momento é relevante para conhecer a história de vida e verificar quais expectativas existentes na psicoterapia, junto a isso, favorecer o estabelecimento de uma

vinculação terapêutica, em que as mesmas possam perceber esse lugar de acolhimento e de enfrentamento de emoções consideradas negativas. Outro ponto de relevância nesse primeiro contato é a Psicoeducação, que está se subdividindo em duas temáticas: Psicoeducação do modelo cognitivo e Psicoeducação dos mecanismos relacionados à violência conjugal enfrentada. (HABIZANG, PETERSON E MACIEL, 2019)

Quanto ao modelo cognitivo, é importante psicoeducar os pacientes para que estes aprendam a identificar cognições, emoções e comportamentos, a ligação entre esses elementos e como eles estão conectados às situações-problemas. Já no que diz respeito à Psicoeducação dos mecanismos relacionados à violência doméstica, é de relevância destacar os tipos de violência existentes, suas dinâmicas e suas possíveis influências na vida da mulher vítima de violência doméstica, bem como a dinâmica e repercussões desta experiência. Ainda segundo as autoras, nesse momento é possível que as pacientes tomem consciência, de fato, dos tipos de violência que as mesmas sofreram. (HABIZANG, PETERSON E MACIEL, 2019)

A literatura aponta a necessidade de identificar as crenças e avaliar as funcionalidades das mesmas na realidade em que as mulheres estão inseridas. A partir disso, o psicoterapeuta Cognitivo-Comportamental pode utilizar de ferramentas como a descoberta guiada para questionar e flexibilizar crenças disfuncionais que as pacientes possuem acerca de si, do outro e do mundo. (HABIZANG, PETERSON E MACIEL, 2019)

Junto a isso, Caballo (2003) relata o Treino de Habilidade Sociais como estratégia fundamental no processo psicoterapêutico, uma vez que há o ensino de habilidades interpessoais para as vítimas, com a intenção de um aprimoramento de suas competências e com isso, possibilita que as mulheres, ao saírem desses relacionamentos abusivos, possam voltar a atingir seus objetivos e recuperar sua autoestima. (HABIZANG, PETERSON E MACIEL, 2019)

Outras técnicas da Terapia Cognitivo-Comportamental encontrada na literatura para psicoterapia com pacientes vítimas de violência doméstica foram: cartão de enfrentamento, com o objetivo de conter frases a serem lidas ou estratégias a serem feitas e utilizadas nos momentos em que houverem pensamentos disfuncionais; a exposição gradual a memórias traumáticas a fim de ressignificar as lembranças e diminuir as reações fisiológicas, comportamentais e emocionais que as mesmas evocavam, gerando percepção de maior controle de

pensamentos intrusivos, estabelecimento de estratégias de regulação emocional. (HABIZANG, PETERSON E MACIEL, 2019)

A técnica de resolução de problemas, que visa trabalhar 5 passos, sendo eles: orientação para o problema; definição e formulação de problemas; geração de soluções alternativas; tomada de decisões; implementação de soluções e verificação. O objetivo principal é possibilitar que o cliente antecipe os resultados de uma ação e compare as soluções levantadas, quais seriam mais viáveis, funcionais e benéficas para ele resolver uma situação vista como dificultosa ou conflituosa. (HABIZANG, PETERSON E MACIEL, 2019)

Os estudos indicam que essa técnica é de extrema importância para possibilitar que as pacientes se tornem mais capazes de tomar decisões e pensar em possíveis soluções para os problemas. O foco nesta técnica se dá uma vez que as mulheres vítimas da violência doméstica precisam desse tipo de empoderamento na medida em que as mesmas relataram dificuldade em fazer isso de maneira mais autônoma e assertiva, possuindo muita dificuldade em tomar decisões, pois em muitos casos, seus parceiros assumem esse papel de controle, fazendo com que as mesmas fiquem em um lugar de subjugação. (HABIZANG, PETERSON E MACIEL, 2019)

Outro fator de destaque da TCC como abordagem de auxílio e de grande vantagem para as vítimas é a possibilidade do trabalho de prevenção à recaída ao final do processo psicoterapêutico. Como um dos principais objetivos que a TCC possui é fazer com que o paciente melhore e, ao final, ele consiga ser seu próprio terapeuta a prevenção à recaída é uma boa possibilidade de fechamento e de extrema importância para a manutenção dos avanços alcançados na psicoterapia. (HABIZANG, PETERSON E MACIEL, 2019)

O foco da prevenção de recaída no tratamento de mulheres vítimas de violência doméstica é construir estratégias protetivas. Diante disso, torna-se necessário trabalhar o conhecimento da legislação que assegura seus direitos e proteção, como a Lei Maria da Penha. É preciso, também, trabalhar questões de entendimento sobre as redes de apoio que atuam na proteção de mulheres vítimas de violência e como fazer para acioná-las caso seja preciso. (HABIZANG, PETERSON E MACIEL, 2019)

Estudos apontam a eficácia da Terapia Cognitivo-Comportamental no tratamento de mulheres vítimas de violência doméstica. Indicam, ainda, achados de reestruturação cognitiva, com mudanças significativas sobre sua visão de si e de seu futuro de uma forma mais positiva e funcional, redução dos níveis de depressão, ansiedade, estresse e transtorno do estresse pós-traumático. (HABIZANG, PETERSON E MACIEL, 2019)

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo teve como objetivo analisar os achados científicos existentes em revistas de Psicologia sobre a violência doméstica contra a mulher e os danos à saúde mental. Assim como, investigar as principais consequências psicológicas trazidas às mulheres vítimas de violência doméstica, identificar os tipos de violência doméstica sofridas pelas mulheres, analisar quais fatores psicológicos e quais consequências são apontados como resultantes da violência doméstica contra a mulher e compreender como a psicologia pode contribuir nesse contexto.

Levando em consideração os percursos metodológicos da pesquisa, encontrou-se que as violências domésticas sofridas pelas mulheres podem ser vistas em 5 formas, sendo elas a violência física, sexual, psicológica, moral e patrimonial. Todas elas possuem impactos fortes na vida dessas mulheres. Impactos, esses, que interferem diretamente na saúde mental delas.

Encontrou-se na pesquisa que as mulheres vítimas de relacionamentos abusivos com violência doméstica passam por comprometimento em sua saúde, interferindo em seus diferentes níveis de impacto biopsicossocial, sendo eles comprometimentos com marcas físicas visíveis, como no caso de hematomas em agressões, e comprometimento com marcas em seu modo de se relacionar consigo e com o outro, como distanciamento de vínculos sociais, isolamento social, baixa autoestima, insegurança, medo constante, ansiedade e depressão.

Notou-se, ainda, que a violência no relacionamento emerge como uma alternativa perante as relações de poder entre homens e mulheres. Nas dinâmicas de poder em relações heteronormativas, a supremacia do homem é ancorada no modelo patriarcal de nossa sociedade, colocando a mulher num lugar de subserviência em relação ao homem e, por vezes, se anulando no relacionamento. Além do mais, devido às diferentes consequências e impactos que os relacionamentos abusivos provocam na vida das vítimas, é encontrado uma dificuldade das mesmas em sair da relação e quebrar com o ciclo da violência doméstica.

Mediante exposto, torna-se de extrema relevância o estudo de assuntos que abordem os sinais presentes de um relacionamento abusivo, uma vez, ainda, que algumas atitudes abusivas são socialmente naturalizadas e tidas como aceitas, ou

de pouca relevância para a situação. Com isso, nota-se a importância da atuação dos profissionais que assistem essas mulheres.

Como limites da pesquisa, aponta-se o fato de, nas bases de dados pesquisadas, com os descritores escolhidos para a pesquisa (), encontrou-se poucos artigos que articulassem as palavras-chaves e que se enquadrassem nos critérios de inclusão do estudo, e dos três que participaram, somente um trouxe claramente a atuação da Psicologia como prática. Portanto, propõe-se, para um aprimoramento na área das práxis Psicológica mais estudos que abarquem a violência doméstica, saúde mental e vida das mulheres, assim como as contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental na prática clínica das psicólogas.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, F.; BARKER, G. **Homens, violência de gênero e saúde sexual e reprodutiva**: um estudo sobre homens no Rio de Janeiro/Brasil. Rio de Janeiro: Instituto NOOS, 2003.

Bandeira, L. M. (2014). Violência de gênero: A construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado**, n. 29, 449-469. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0109-69922014000200008>. Acesso em 20 out 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BARRETTO, R.S. Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final. **Revista Gênero**, v. 18, n. 2, 2018, 13 p. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31312/18401>. Acesso em 05 out. 2022.

BECK, J. (2007). **Terapia cognitiva: Teoria e prática**. Porto Alegre: Artmed.

BOTELHO, L. L. R., CUNHA, C. C. A. & MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, 2011

BRASIL, **Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006**. (Lei Maria da Penha).

BRILHANTE, A. P. C. R. **Prevalência e fatores associados a violência Intrafamiliar contra criança em uma área atendida pela estratégia saúde da família** (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009

CAMPOS, Ioneide de Oliveira; MAGALHAES, Yasmim Bezerra; ANGULO-TUESTA, Antonia. Mulheres em situações de violência doméstica acompanhadas em um Centro de Atenção Psicossocial. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 12, n. 3, p. 116-138, dez. 2020. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-2591202000030009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-2591202000030009&lng=pt&nrm=iso). Acessos em 29 set. 2022.

SANTOS, Katia Aleksandra dos; KARPINSKI, Monica; SOARES, Izabel Cristina. Saúde mental e Gênero: relatos de experiência do projeto de extensão Núcleo Maria da Penha-NUMAPE, Irati-PR. **Rev. Psicol. UNESP**, Assis, v. 19, n. 2, p. 135-155, dez. 2020. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-9044202000030005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-9044202000030005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 29 set. 2022.

CARNEIRO, J. B. et al. Domestic violence: repercussions for women and children. *Escola Anna Nery* [online]. 2017, v. 21, n. 4 [Acessado 28 Setembro 2022],

e20160346. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2016-0346>>. Epub 17 Ago 2017. ISSN 2177-9465. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2016-0346>.

CFP (Conselho Federal de Psicologia) (2012). Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) em programas de atenção à mulher em situação de violência. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.

CORREIA, C. M., Diniz N. M. F., Gomes, N. P., Andrade I. C. S. A., Campos, L. M. & Carneiro, J.B. Sinais de risco para suicídio em mulheres, Salvador. 2017

DE AZEVEDO, Maria das Graças Teixeira; DAS GRAÇAS, Maria; ELBA CARLA FERREIRA SANTOS MAGALHÃES, Elba. Fatores associados à permanência de mulheres em situação de violência doméstica: uma leitura à luz da terapia cognitivo comportamental. 2022.

DEEKE, Leila Platt et al. A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. Saúde e Sociedade [online]. 2009, v. 18, n. 2 [Acessado 28 Outubro 2022], pp. 248-258. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000200008>>. Epub 01 Jul 2009. ISSN 1984-0470. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000200008>.

DIAS, Samir Antonio Silvestre; CANAVEZ, Luciano Simões; DE MATOS, Elizabeth Santos. Transtorno de Estresse Pós-Traumático em mulheres vítimas de violência doméstica: prejuízos cognitivos e formas de tratamento. **Revista Valore**, v. 3, n. 2, p. 597-622, 2018.

DREZETT, J. Violência sexual contra a mulher e impacto sobre a saúde sexual e reprodutiva. Revista de Psicologia da UNESP, 2018

FONSECA. D. H., Ribeiro, C. G. & Leal, N. S. B. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. Psicologia & Sociedade, 2012

GADONI-COSTA LM, Zucatti APN, Dell’Aglío DD. Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. Estud Psicol [Internet]. 2011 Apr/Jun; [cited 2016 Dec 3]; 28(2):219-27. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2011000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000200009&lng=en&nrm=iso). ISSN 1982-0275. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200009> 15.

GARCIA, L. P., Duarte, E. C., Freitas, L. R. S. & Silva, G. D. M. Violência doméstica e familiar contra a mulher: estudo de casos e controles com vítimas atendidas em serviços de urgência e emergência. Cadernos de Saúde Pública, 2016

GARBIN, C. A. S. et al. Violência doméstica: análise das lesões em mulheres. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, p. 2567-2573, 2006

HABIGZANG, Luisa Fernanda; PETERSEN, Mariana Gomes Ferreira; MACIEL, Luisa Zamagna. Terapia Cognitivo-Comportamental para mulheres que sofreram

violência por seus parceiros íntimos: Estudos de casos múltiplos. **Cienc. Psicol.**, Montevideo , v. 13, n. 2, p. 249-264, dic. 2019 . Disponible en <[http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1688-42212019000200249&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-42212019000200249&lng=es&nrm=iso)>. accedido en 26 oct. 2022. Epub 01-Dic-2019. <https://doi.org/10.22235/cp.v13i2.1882>.

JESUS, G. B.; LIMA, T. C. Mulher vítima de violência psicológica: contribuições clínicas da terapia cognitivo-comportamental. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 114–119, 2018. DOI: 10.17267/2317-3394rps.v7i1.1640. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1640>. Acesso em: 28 out. 2022.

JULIO, Elaine; SANTOS, Kelly; MORAIS, Suelen; NETO, Antonio Faria. ESTRUTURAÇÃO DE APLICAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO. **Revista Ciências Exatas**, [s. l.], v. 23, ed. 2, p. 19-29, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/exatas/article/viewFile/2612/1759>. Acesso em: 1 jun. 2021

LAMANNO- Adamo, Vera Lúcia C. Violência doméstica: uma contribuição da psicanálise. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 1999, v. 4, n. 1 [Acessado 5 Maio 2022] , pp. 153-159. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81231999000100013>.

LIMA, G. Q.; WERLANG, B. S. G.. Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. *Psicol. estud.*, Maringá , v. 16, n. 4, p. 511-520, 2011 .

LINDER, S. R., Coelho, E. B. S., Bolsoni, C. C., Rojas, P. F. & Boing, A. F. Prevalência de violência física por parceiro íntimo em homens e mulheres de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil: estudo de base populacional. *Cad. Saúde Pública*, 2015

MARTINS, Grasiela Borges; DA SILVA NOBRE, Natalia Kelle; MARTINS, Maria das Graças Teles. A Violência Doméstica Contra Mulheres: Contribuição da Terapia Cognitivo-Comportamental na Intervenção/Domestic Violence Against Women: Contribution of Cognitive-Behavioral Therapy to Intervention. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 15, n. 54, p. 104-115, 2021.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares; RAMOS, Juliana Souza. “Uma mulher é espancada”: a violência doméstica contra a mulher a luz da psicanálise. **Ecos-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 4, n. 1, p. 35-49, 2014.

Netto, L. A., Moura, M. A. V., Queiroz, A. B. A., Tyrell, M. A. R., & Bravo, D. M. M. P. Violência contra a mulher e suas consequências. *Acta Paulista de Enfermagem*, 2014

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICAN DE SAÚDE. Covid-19 e a violência contra a mulher O que o setor/sistema de saúde pode fazer, 2020

PEDROSA, M. & Zanello, V. (In) visibilidade da violência contra as mulheres na saúde mental. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 2016

PINTO, L. S. S., Oliveira, I. M. P., Pinto, E. S. S., Leite, C. B. C., Melo, A. N. & Deus, M. C. B. R. Políticas públicas de proteção à mulher: avaliação do atendimento em saúde de vítimas de violência sexual. *Ciênc. Saúde Coletiva*, 2017

PETERSEN, Mariana Gomes Ferreira et al . Psicoterapia cognitivo-comportamental para mulheres em situação de violência doméstica: revisão sistemática. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro , v. 31, n. 1, p. 145-165, abr. 2019 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652019000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652019000100008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 28 out. 2022.  
<http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n01A07>.

POLIT, D. F., Beck, C. T. & Hungler, B. P. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. *Artmed*, 2011

SANTOS, I. S. D. Violência doméstica e familiar contra a mulher (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação). União Metropolitana de Educação e história de violência doméstica. *SMAD Revista eletrônica saúde mental e drogas*, 2018

SANTOS, Katia Aleksandra dos; KARPINSKI, Monica; SOARES, Izabel Cristina. Saúde mental e Gênero: relatos de experiência do projeto de extensão Núcleo Maria da Penha-NUMAPE, Irati-PR. *Rev. Psicol. UNESP, Assis* , v. 19, n. 2, p. 135-155, dez. 2020 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-90442020000300005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442020000300005&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 13 out. 2022.  
<http://dx.doi.org/10.5935/1984-9044.20200028>.

SILVA, P. C. DE M.; ASSUMPÇÃO, A. A. RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA E DEPRESSÃO EM MULHERES: REVISÃO NARRATIVA. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 6, p. 102 - 115, 12 set. 2018.

ZANCAN, N., Lawrenz, P., Cúria, B. G., Ligório, I., Freitas, C. P. P., & Habigzang, L. F. (2019). Histórico de violência e Transtornos de Estresse Extremo Não-Especificados (DESNOS) em mulheres. *Contextos Clínicos*, 12(2). doi: 10.4013/ctc.2019.122.14